



PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA COMUNIDADE DO CASTAINHO: INTEGRANDO UM PROJETO PEDAGÓGICO ALTI

MÁRCIA DE GODOI QUEIROZ

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA COMUNIDADE DO CASTAINHO: INTEGRANDO UM PROJETO PEDAGÓGICO ALTI

Márcia de Godoi Queiroz (autor/a)

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E PESQUISAS EM ESPAÇO NÃO FORMAIS.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa desenvolvida para um trabalho de conclusão de curso que teve como comunidade quilombola do Castainho no município de Garanhuns – PE. A pesquisa buscou traçar o processo de institucionalização da educação através da instalação da escola municipal Virgília Garcia Bessa. O foco da pesquisa foi acerca do processo de transição, para tanto trabalhamos a partir da metodologia da história oral. Nessa perspectiva, a população ouvindo-os, para que esses, a partir de suas memórias, sejam condutores na construção da identidade e educativo vivenciado na comunidade do Castainho.

Palavras - chave: Comunidade do Castainho - Processo educativo - Memórias.

PRÁCTICAS EN LA EDUCACIÓN CASTAINHO COMUNIDAD: INTEGRANDO UN PROYECTO PEDAGÓGICO ALTER

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de la investigación llevada a cabo para la realización del trabajo de curso de la educación con experiencia en la comunidad marrón de Castainho en la ciudad de Garanhuns - PE. La investigación con experiencia en la comunidad antes de la institucionalización de la educación a través de la instalación de la escuela en la investigación fue a los miembros de la comunidad propios recuerdos sobre el proceso de transición tanto para el trabajo en perspectiva, tenemos la intención de identificar las características específicas de esta población de escuchar a ellos son conductores en la construcción de la identidad y jugar sus raíces en el proceso educativo con experiencia en la comunidad C.

Palabras - clave: Comunidad Castainho - Proceso educativo - Recuerdos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é o resultado de uma pesquisa monográfica realizado no lócus da comunidade quilombola do Castainho. A educação vivenciada na comunidade quilombola do Castainho, é necessário compreender o contexto histórico da educação no Castainho antes da inserção do Estado a partir da instalação da Escola Municipal Virgília Garcia Bessa em 1975 ambas no município meridional de Pernambuco. Para a realização dessa pesquisa acerca do processo educativo na comunidade quilombola, adentrarmos no universo do processo de transição e de verificar como se deu essa transição, bem como o posicionamento histórico e culturais e da formação das identidades na comunidade através das práticas educativas na referida escola.

Ensejando realizar uma pesquisa cujo objetivo central é identificar a cultura e identidade dos quilombolas, e, além das especificidades da população do Castainho, dedicamo-nos a realizar um trabalho que fornecesse subsídios que corroborem essa transição, e quais os aspectos historicamente relevantes para a comunidade que foram preservados, modificados e a identidade que vem sendo construída em contexto escolar, e a possível existência do condicionamento de uma cultura dominante e do Estado.

Nessa perspectiva, o trabalho realizado está estruturado em investigar e levantar alguns aspectos, que, segundo a prática alternativa de educação antes da introdução do Estado na comunidade através da instalação da escola sejam as tradições histórica/culturais e re/construção de suas identidades, considerando que essa educação alternativa proporcione o reconhecimento e valorização de suas identidades. Concomitantemente será verificado se o município através do processo educativo de qualidade, que atenda às necessidades e especificidades de uma educação quilombola.

Para dar conta da pesquisa daremos o devido enfoque na educação e escolaridade da Comunidade do Castainho, trazendo a comunidade através da rememoração de suas memórias. Ao adentrarmos o universo da memória, contamos com as (H.O[i]) que implica numa dinâmica do passado e presente, na qual as memórias e relatos vêm contribuir com a re/construção com a transformação da sociedade e de grupos que possam estar às margens do poder, de acordo com Meihy (2007, p. 1) e deve atender a um sentido de utilidade prática, social e imediata”, e complementa enfatizando que: “É primordial que as origens, para que contribuam no entendimento social [...] e projeção do futuro” (2007.p.28). Nessa perspectiva pretendemos o processo educativo vivenciado na comunidade do Castainho, e com a preservação de suas tradições históricas e culturais. Na medida em que a pesquisa oral trouxer à tona as memórias dos quilombolas, essas servirão como referências norteando as propostas determinadas pelo município para serem utilizadas na Escola da comunidade. Ainda no segundo capítulo trataremos o Estado como mantenedor da sociedade na posição de receptor e reproduzidor de ideologias das classes dominantes e do aparelho ideológico.

DISCUSSÕES

A Comunidade Quilombola do Castainho com aproximadamente 350 famílias (Cartilha: Castainho: contando sua história) é um bairro rural a 7 km do centro da cidade de Garanhuns no Agreste Pernambucano. Sua origem pode ser demarcada pelos remanescentes do Quilombo dos Palmares[iii] que foi dizimado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho durante a guerra. De acordo com o líder da comunidade o Sr. José Carlos “Todas as pessoas da comunidade são descendentes dos Quilombolas, de lá até aqui, arrastando criança, mulher e idoso pela mata fechada”. Ao falar sobre a história da formação do Castainho, percebemos que a existência desse povo é resultado de sua força e resistência.

Além de todas as dificuldades durante a fuga da Serra da Barriga, os remanescentes do Quilombo de Palmares ao chegarem encontraram mais dificuldades e adversidades, visto que suas presenças no município de certa forma dificultavam a comunicação com a população portuguesa. Não obstante o extermínio do Quilombo dos Palmares os remanescentes quilombolas continuaram a ser perseguidos pelo Domingos Jorge Velho[iv] e seu grupo que veio a instalar-se durante quase onze meses na área do Sítio Paulista. O bandeirante tinha o objetivo de afastar, combater e massacrar toda resistência negra existente na região.

Frente a essa realidade os sobreviventes desse massacre formaram vários quilombos na região. De acordo com a Cartilha do Quilombo de Pernambuco há 112 comunidades quilombolas, sendo oito no município de Garanhuns; Timbó, Estrela, Tigre, Caluê e outras. Algumas são reconhecidas no Estado; Comunidade Conceição das Crioulas em Salgueiro e a comunidade de Castainho. A comunidade de Castainho é reconhecida oficialmente pelo Estado e recebeu a titulação da Fundação Cultural Palmares como remanescentes de Quilombo em 2016 da Constituição Federal de 1988. Já essas outras comunidades não adquiriram ainda oficialmente o estatuto de comunidade quilombola, mas mantêm a ligação entre elas e as comunidades do passado.

O reconhecimento da comunidade do Castainho como remanescente de Palmares não foi garantia de um fortalecimento da identidade quilombola. O estudo antropológico sobre a escravidão das comunidades quilombolas, tendo em vista a acentuada presença de um interesse maior em preencher o vazio bibliográfico sobre as comunidades negras do meio rural, chama a atenção para a identidade quilombola pela ausência de preservação dessa comunidade em meio ao contato cada vez mais intenso com o mundo branco. O Castainho é habitado por um grupo de famílias na sua maioria negras. Essa característica implica no acréscimo de uma identidade existente na área, e pelas formas de adaptação criadas pelas várias gerações das famílias negras. Mas cada dia que passa vemos novas formas de adaptação, pois o ideal dessas famílias é de assimilar todos os costumes do branco (QUEIROZ, 1985, p.15).

Considerando a observação e advertência da autora acima sobre a desintegração da identidade da referida comunidade quilombola, é necessário fazer uma ressalva a essa afirmação datada no ano de 1985 de redemocratização do Brasil representou a possibilidade de reconstrução dessa identidade como forma de resistência percebida tanto na disputa atual pelo território como nas manifestações culturais que se fazem presentes na comunidade. Preta[v].

Que é uma festa tradicional, e que tem toda uma história que aqui no Brasil, **nóis** conversamos com o pessoal da FUNDA disseram que só existe a festa da Mãe Preta só no Castainho por incrível que pareça, eu não sei se por ignorância ou por O fato da preservação da comemoração da festa da Mãe Preta confirma a força da comunidade do Castainho em levar resistência dos quilombolas, e como as festividades estão relacionadas com a trajetória histórica e formação das identidades presente no relato de Dona Marinete ao falar da importância do mutirão na construção das casas na comunidade:

Antigamente, em nossas festas e nos trabalhos de construção das casas da taipa, a gente cantava e dançava o samba com o pé e tinha uma cabaça cheia de milho, que fazia a animação toda da gente. Também tinha o berimbau, que é um pau [...] Olhe era muito bom, viu? A gente passava a noite todinha sambando. (2013, p.25)

Apesar de tantas imposições e dificuldades a comunidade do Castainho persistiu e resistiu a muitas tentativas de desintegração de suas tradições culturais como aponta Anita Queiroz (1985). Diante de todas as investidas do elemento Castainho, pensamos na construção de um trabalho educativo na comunidade que possa priorizar o reconhecimento da comunidade e possa aprofundar o sentimento de pertencimento dos membros da comunidade para com as suas raízes.

Perspectivando a realização desse trabalho, acreditamos que apenas a partir de uma educação que respeite, valorize e um contexto quilombola, de modo que ocorra a formação da identidade dos membros da comunidade, poderemos evitar o detrimento dos costumes afro-brasileiros como previsto pela referida autora.

Com relação à educação e a escolaridade vivenciada na comunidade Podemos dizer que até o ano de 1975 a educação no Castainho não se encontrava sob a tutela disciplinadora de uma escolaridade oficial. Se tomarmos como parâmetro o conceito de educação que a educação deve ser compreendida para além da oficialidade como podemos constatar no Artigo I da referida lei: “A educação se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e culturais” a educação sempre existiu naquela comunidade.

Diante dessa definição sobre os contextos educacionais entendemos a concepção da educação como algo além do espaço dos indivíduos no que se refere aos desenvolvimentos do processo educativo dos mesmos. Seguindo essa visão da LDB a educação que a comunidade Quilombola do Castainho vivenciava antes mesmo da sua inserção na oficialidade da escola promovia o aprendizado e a construção do conhecimento estruturado na prática social, visto que a mesma contém fundamentos para a formação humana dos membros dessa comunidade. A existência desse tipo de educação, que é a do líder da comunidade:

A gente estudava português, um pouquinho de matemática e as questões culturais, e naquela época a professora já tirava Ela perguntava: O que vocês **faz** no dia-a-dia? [...] Têm esses momentos da gente conversar, aí entrava as questões de tudo que a gente fazia no dia, a gente levava **pro** grupo de estudo, a gente conversava sobre tudo do trabalho e as manifestações

Segundo o Sr. José Carlos toda a comunidade estava envolvida no processo educativo, na medida em que todas as atividades, como a capoeira, a vinculação com o trabalho; o pessoal da olaria, e da roça, participava dos grupos culturais e dos grupos significativos naquela forma de educar. Nessa óptica a educação e a comunidade estavam dialogando e integradas, diretamente com os membros da comunidade. O relato do líder da comunidade enfatiza que, mesmo sem ter escola eles estudavam “numa lamparina [...] mas mesmo assim a gente se apegava mesmo e tinha força de vontade.”

Percebemos que o processo educativo contextualizado com a realidade dos educandos é fundamental para a construção das identidades e da cidadania dos indivíduos. Dessa forma entendemos que a educação esteja relacionada com as condições de vida da comunidade. Desse modo compreendemos que a educação está incorporada num sistema que responde a um organismo social. Partindo do fato de que a educação corresponde a um ideal de sociedade e que esse ideal é formado por: instituições, representantes dessa sociedade juntamente a uma organização que detém o poder, ou seja, o ‘Estado’. Esse conjunto de fatores econômicos, culturais, educacionais e em todos ou outros que sejam relevantes para a manutenção e preservação da sociedade que dirigem o Estado. Diante dessa realidade pensemos a educação como um instrumento capaz de dispor de situações que se refere às relações de força existentes numa sociedade.

Considerando a Constituição Federal de 1988 ao afirmar que: “A educação, direito de todos e dever do Estado” e reconhecendo a educação acima pelo Estado, pensemos então, o dever do ‘Estado em matéria de educação’, se primariamente verificamos que a educação que prepara os indivíduos para a sociedade, seria ingenuidade acreditarmos que não existam interesses em forma de interesses do Estado. Fato esse que distorce o ideal de que a sociedade é quem deveria determinar a educação que lhe cabe. Lembra Durkheim em sua Educação e Sociologia.

Na verdade, a sociedade não deve ser somente representada pelo Estado, ela que deve inspirar de forma precisa principalmente a educação de seus indivíduos. Admitindo essa condição, Durkheim afirma que: “a educação seja fundamentalmente desinteressada”. “Ao contrário, tudo o que seja educação, deve estar até certo ponto submetido a sua influência”.

significa 'controle' ou 'monopólio' do Estado, e sim que seja ele a promover a ação educativa, a garanti-la a todos, e a ur e a qualidade em nível nacional com seu papel de fiscalizador.

Durkheim faz uma advertência com relação à necessidade da sociedade estar "sempre presente e vigilante", essa pos seja voltada aos interesses da sociedade e não ao de um determinado grupo com interesses particulares. É importan difusão dos ideais da sociedade, ao mesmo tempo, que torne os indivíduos conscientes e sabidos desses ideais. responsabilidade de mediar e construir: conhecimentos, conceitos e ideologias nos educandos, que constituíam a soci sociais, econômicos, políticos, culturais e educacionais.

Frente a tais advertências pensemos numa educação integrada e relacionada com a memória dos quilombolas, para apenas como narrativas, mas também enquanto fonte de dominação e poder nos apoiamos no pensamento de Paul Ricoe memória da comunidade perdeu um espaço privilegiado de se organizar com o advento da oficialização da escola visibilidade a determinados grupos em detrimentos de outros, devemos nos preocupar com a memória direcionando-a pa e escritos da historiografia, focando-a no campo da reminiscência, nos remetendo ao ato de – lembrar- sendo a lembrança Nessa perspectiva compreendemos a memória como um processo de recordação que permite os sujeitos reconhecer alg memória é que se através dela lembramo-nos de algo, isso implica na ausência de algo, talvez pela distância temporal, ausência, ou seja, a história enquanto memória como algo que já não está lá, mas já esteve. E neste sentido, se relembr Ao reconhecermos a existência de algo que já tenha estado num determinado lugar de nosso passado ou de nc reapropriação do passado histórico, e após essa busca passamos a reconhecer alguma coisa ou acontecimento mesmo de um passado vivo rememorado. É importante salientar que não se trata de refletir a memória enquanto objeto , repercutindo significadamente no contexto atual e que de certa forma historicamente está legitimado. Essa é a memória c Pensemos a memória efetiva no movimento de trazer ao protagonismo os indivíduos, e comunidades, dando-lhes visit memórias e documentos e por que não da reconstrução das memórias coletivas, logo os trazendo da zona de esque abuso de esquecimento. A entrada da escola oficial na comunidade do Castainho significou esse abuso de esquecimento foi integrada na escola como lembra seu José Carlos:

Na minha época todos os dias chovesse ou fizesse sol, um grupo de adultos faziam apresentação de samba de coco, e a aquele grupo de dança e com isso a gente não deixou que essa coisa acabasse não deixamos pra trás. [...] E por que ni escola é cultural, as questões religiosas, por exemplo: nós hoje somos católicos, porque nos tiraram nossa religião do ca era do demônio! O que a gente tinha para nossa defesa e falavam isso.

Diante dos termos acima, apoiando-nos na 'memória em defesa do esquecimento', Paul Ricoeur chama atenção para uma memória manipulada[vii] e memória convocada ou esquecimento de reserva[viii]. A discussão conceitual sobre as compreendermos de que forma a memória pode ser e como estar sendo utilizada no contexto social da comunidade Qu como podemos evidenciar na lembrança apontada por Sr. José Carlos acima. Chamemos a atenção para existência nes Para Ricoeur a memória manipulada encontra-se no nível prático e está atrelada com as relações de poder. Consider manipulação concentrada; na insuficiência das memórias e identidades da classe menos favorecidas pelos detentores d A problemática entre memória e identidade está no cerne das disputas ideológicas, de acordo com o Ricoeur (2000, p.9) autoridade da ordem ou de poder – ordem, no sentido da relação orgânica entre todo e parte, - poder - no sent governados".

Essa legitimação se caracteriza como abuso de memória ou excesso, e uma distorção da realidade. Diante dessa cara memórias a serem exercitadas e instrumentalizadas através da sua transmissão.

Como veredito a rejeição das memórias impostas pelos detentores do poder o indivíduo receberá como pena "à reje identidade. Nesse cenário os indivíduos além de sofrer com a imposição através de uma violência ideológica, esses identidades e memórias, ou seja, não se reconheceram enquanto sujeitos históricos e cidadãos. Nesse contexto as me as identidades corrompidas, estabelecendo uma relação de "glória para quem corrompe e humilhação para que é corr na narrativa das memórias a funcionalidade de fortalecimento e constituição da identidade, como afirma Ricoeur:

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade po memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. (RICOEUR, 20

Nessa óptica a utilização da narrativa permeia duas faces de intencionalidade que é determinada diante do jogo de inte utilizada como um meio de esquecimento ou de rememoração, dependendo é claro do que estiver em jogo.

Todo esse movimento de intencionalidades e funcionalidades gira em torno da hierarquização do poder e das estratégias essa posição seja assegurada é fundamental manter seus oponentes num estado de alienação e conformação, e para t

contribuições, ao depender de como os personagens são postos como tão bem diz o Ricoeur (2000, p.98) “A identidade dos protagonistas da ação, ao mesmo tempo que, os contornos da própria ação [...] a função seletiva da narra os meios de uma estratégia engenhosa.”

É factível que os governados no caso da comunidade do Castainho encontram-se numa posição de fragilidade em v ensejando transformar essa realidade injusta procuramos realizar um trabalho de rememoração dos Quilombolas, re sujeito, de quem se apropria da sua memória coletiva. Podemos pensar o Castainho como construção identitária de sujeitos da comunidade como protagonistas, e mais ainda escudando-lhes; suas concepções de ensino e aprendizagem de suas memórias apontados pelos próprios membros da comunidade.

Nessa perspectiva nos deslocaremos do universo da memória em direção à pedagogia da memória, ou seja, de un histórica, social, cultural para um projeto educativo que contemple as tradições culturais que representam as identidade desses aspectos que como educadores não podemos deixar de reconhecer, identificar e valorizar esses saberes tão memórias corrompidas por tanto tempo. É a partir do reconhecimento das memórias e identidades que os direitos concomitantemente com a formação da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos de um projeto pedagógico que reconheça a identidade e memórias dos quilombolas, podemos encontrar es: narra uma conversa que teve com a secretária de educação:

Olhe, aqui, **defronte** onde nós estava tinha um pé de coqueiro de ouricuri que é uma planta nativa que ainda hoje tá lá, coqueiro de ouricuri que lá estava. Ai a secretária olhou pra mim e perguntou: Dá onde você trouxe essa ideia? Ai eu cabeça desde muito tempo, porque aquele pé de coco faz parte da minha vida, faz parte da comunidade, porque a casa era da bolinha do coco que era a matéria prima do coqueiro, a tibacá do coco que naquela época a gente não tinha un tibacá, transformava ela num copo transformava ela em um prato. Isso ai poderia cair no currículo! Por quê? Pra que as p

Essa memória da qual o líder comunitário Sr. José Carlos faz referência pode ser caracterizada como memória ex comunidade e através do uso dessa memória como componente curricular escolar o processo educativo estará conte comunidade, cumprindo assim a função de formação cidadã e, sobretudo inserindo a comunidade e as memórias da formação humana dos quilombolas do Castainho.

Nesse cenário os conhecimentos da própria comunidade, sejam eles sobre a agricultura, religioso, cultural, históric desumanas não só podem como devem compor o projeto pedagógico da escola instalada na comunidade do Castainho Castainho, em suas vivências e memórias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Emendas constitucionais nº 9, de 9 de novembro de 1995. Dá nova redação ao art. 17 parágrafos. Lex: legislação federal e marginalia, São Paulo, v. 59, p. 1966, out/dez. 1995.

_____. **Lei nº 9.394/96:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei nº 10.639/03:** Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de Hist SECAD/MEC, 2004.

_____. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e pa Africana. Brasília: SECAD; SEPPIR, jun.2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n.º** Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília 2012.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro

Comissão Pastoral da Terra. **Castainho:** contando sua história/ Comissão Pastoral da Terra. Recife: Ed. Universitária da

DURKHEIM, Emile. "A educação, sua natureza e função". In: **Educação e Sociologia.** São Paulo: melhoramentos, 1973,

- FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; Apresentação. **Usos e abusos da história oral**. In: FERREIRA, Marieta M.; FGV, 1996.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro: descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2000.
- GOMES, Ana Beatriz Sousa. "O movimento negro e a educação escolar: estratégias de luta contra o racismo", In: **GOME Educação e Afrodescendência no Brasil**.(Orgs.). Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- GONZAGA, Garanhuns de. **Castainho: sua história e sua gente**. Garanhuns, 1994.
- _____. **Garanhuns assim começou**. Garanhuns, 1999.
- Guia de Cadastramento de famílias quilombolas. Cadastro Único para Programas Sociais. <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/cadastrounico/gestao-municipal/processo-de-cadastramento/arquivos/guia-de-cadastr-em>: 01 de jul. 2014.
- GUSMÃO, Emery Marques. **Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente**. São Paulo. UNESP, 2004.
- MACHADO, Maria Gideuda de Barros. **História e memória na formação de identidades no Castainho**: busca de s Anpuh- XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. "A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03", In: **MOREI Multiculturalismo diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. "Educar o Brasil com raça", In: GOMES, Ana Beatriz Sousa; JÚNIOR, Henrique Cunha. **Et Fortaleza: Edições UFC, 2008**.
- PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008. cap. 2 - 3, p. 20 – 40.
- QUEIROZ, Anita Monteiro. **Castainho: etnografia de um bairro rural de negros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editc
- RÊGO, Alberto da Silva. **Os aldeões de Garanhuns**. Coleção Tempo Municipal. Centro de estudos de história municipal.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP
- SILVA, José Carlos Lopes. Depoimento em entrevista de 23/02/2013.
- SILVA, José Carlos Lopes. Depoimento em entrevista de 18/01/2014.
- SILVA, Lucíaria Pinto da. Depoimento em entrevista de 28/11/2013.

NOTAS DO TRABALHO

- [1]História Oral de origem italiana, metodologia de pesquisa que através de entrevistas, relatos e memórias busca c eurocêntricos e elitizados. Chegada ao Brasil nos anos 80, nas áreas da sociologia, antropologia e etnografia. Devido ao [1]Comissão Pastoral da Terra. Castainho: contando sua história/ Comissão Pastoral da Terra. Recife: Ed. Universitária d
- [1]Segundo o documento do Comitê em defesa do Castainho (em anexo), o Quilombo dos Palmares foi a maior república: ataques dos colonizadores europeus. Ganza Zumbi conhecido por Zumbi dos Palmares foi seu grande líder, sendo assas
- [1]De acordo com Rêgo (1987) Domingos Jorge Velho é pai de Miguel Coelho Gomes que ao chegar no município di chamada Unhanhú e como fruto dessa união nasceu Simôa Gomes(1694), que mais tarde doava as terras (sesmaria recebidas como forma de pagamento do massacre dos negros da região. As doações contribuíram com o surgimento da
- [1]De acordo com o líder da comunidade em depoimento na entrevista de 18/01/2014, "a Festa da mãe Pretajá aconteci de hoje. Lá naquela época eles enfrentavam dificuldades, mas dentro das dificuldades eles trabalhavam as questões cul se dava o nome de festa do Quilombo e o título da festa da Mãe Preta. Eles pegavam a mulher mais velha da comuni agente mora na comunidade e não sabe a história, porque ninguém fala nem tem interesse e eu sempre me preocupei.
- [1]Memória impedida - Arquivamento da memória, podendo ser vista em duas categorias: Trauma – Podendo ser tra reconciliação com a vida. Luto – Trabalhado a partir da vivencia do luto para que após esse momento o indivíduo possa as alterações das lembranças (visto que as memórias são indestrutíveis) como uma patologia na medida em que ocor lembranças alteradas são vistas como 'falsas lembranças'
- [1]Memória manipulada – É o apagar ou substituição das memórias dos grupos dominados, por memórias dos grupos c está relacionada com as relações de poder, pois através da manipulação e condução (sem consentimento) versões da m forjadas. Nesse sentido a memória está sendo instrumentalizadas por grupos dominantes que impõem suas (ideologia destroem ou substituem suas memórias, e consequentemente suas identidades.
- [1]Memória convocada ou esquecimento de memória – É aquela que existe e que marca a fronteira de um recomeço urr o indivíduo desejar. Para Ricoeur essa memória contém a condição de preservação, uma habilidade de reverter à condiç; vimos com a memória manipulada. A memória convocada também se aproxima da categoria da 'luto' na memória imp

reconhecer a lembrança e esquece-la como uma forma de subtrair a dor da perda e o sentimento do passado.

Mestranda em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Licenciatura Pernambuco (UFRPE) Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG). E-mail: marcia.queiroz2010@hotmail.com

Orientador - Professor Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, (Ufpe-Ufpb-Ufrn)

Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco , (UFRPE), Unidade Acadêmica de Garanhuns, (UAG). E-mail: I

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: